

Formação midiática e digital de docentes diante das lógicas contemporâneas¹

Eliana NAGAMINI²
Maria do Carmo Souza de ALMEIDA³
Tatiana LUZ-CARVALHO⁴

Fatec São Paulo, SP
Universidade de Taubaté, SP
Universidade de São Paulo, SP

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar que contribuições alguns conceitos recorrentes nos campos da Comunicação, Educação e Linguagem nos propiciam para fomentar uma discussão sobre a formação midiática e digital de professores/as diante das lógicas contemporâneas. Com base em pesquisas recentes, observamos que houve poucas iniciativas para atenuar as inquietações docentes diante das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), que caminham em ritmo mais acelerado do que o da escola, ao mesmo tempo temos visto novas diretrizes curriculares que visam priorizar esses assuntos na formação inicial em nível superior para a educação Escolar Básica.

PALAVRAS-CHAVE: formação midiática e digital; educação midiática; pedagogia dos multiletramentos; alfabetização digital.

INTRODUÇÃO

Em 2024, foram lançados novos documentos normativos a respeito das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior de profissionais do magistério para a Educação Escolar Básica (cursos de licenciatura, de formação pedagógica para graduados não licenciados e de segunda licenciatura). O Parecer CNE/CP nº 4, de 12 de março de 2024⁵, aponta um contexto bem complexo em relação à formação docente. Destacamos dois pontos aqui: primeiro, a mudança no perfil dos/as licenciandos/as, sobretudo os/as das instituições particulares e municipais, que são os que efetivamente ingressam na carreira do magistério. Eles/as têm pouco preparo em relação

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP), e-mail: eliananagamini@fatecsp.br

³ Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP), e-mail: maria.almeida@unitau.br

⁴ Mestre em Ciências da Comunicação (ECA/USP), e-mail: luzcarvalho.tatiana@alumni.usp.br

⁵ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnaes/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12861-formacao-superior-para-a-docencia-na-educacao-basica>. Acesso em: 24 jun.2024.

à capacidade de leitura, de escrita e à compreensão de textos, bem como o domínio dos conteúdos que serão objeto de ensino. Segundo, que os currículos dos cursos de formação de professores necessitam de atualização e ajustes para “atender às demandas e desafios da educação contemporânea”. Para isso, vários conhecimentos profissionais seriam necessários, dentre eles, aqueles sobre “tecnologia educacional: capacidade de utilizar as tecnologias de forma pedagogicamente adequada às transformações do mundo contemporâneo”.

Em seguida ao Parecer, foi publicada a Resolução CNE/CP N° 4, de 29 de maio de 2024⁶. No art.7º, inciso VI, é destacado que as Instituições de Ensino Superior devem garantir “o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) possibilitando o desenvolvimento de competências digitais docente, para o aprimoramento da prática pedagógica, e a ampliação da formação cultural dos professores e licenciandos”.

A resolução e o parecer vão ao encontro da grande demanda de formação docente para lidar com as mídias e tecnologias digitais no contexto escolar que tem sido apontada por pesquisas há anos. Metade dos/as docentes entrevistados⁷ em 2018 pelo grupo de pesquisas MECOM - Mediações Educomunicativas não tiveram oportunidades formativas na área de Comunicação, durante a graduação; 28% dos/as que indicaram estudos do campo comunicacional na graduação afirmaram que esses foram direcionados aos usos de tecnologias em elaborações específicas, como: aplicativos, wikis, blogs ou redes sociais (Citelli, s/p, 2021). Até mesmo no período pandêmico, quando a formação para lecionar no contexto de ensino remoto emergencial era urgente, os/as professores/as se viram sozinhos/as. De acordo com Citelli (2023), 42,9% dos/as entrevistados/as⁸ não receberam formação inicial para trabalhar com modalidades não presenciais de ensino e 29,9% consideraram a formação recebida insatisfatória.

Ao mesmo tempo que tal formação é urgente, há que se discutir quais interesses e ideologias estão pautando os movimentos de aproximação de futuros/as educadores/as das TDIC. Temos, hoje, conceitos dos campos da Comunicação, Educação e Linguagem - alfabetização digital, alfabetização midiática, educação midiática, pedagogia dos

⁶ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnaes/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12861-formacao-superior-para-a-docencia-na-educacao-basica>. Acesso em 24 jun.2024.

⁷ Pesquisa realizada com 509 docentes de todas as unidades da federação, durante o ano de 2018.

⁸ Pesquisa realizada com 447 docentes, durante os anos de 2021 e 2022.

multiletramentos - que circulam, se complementam, competem e são visados, também, pelo mercado das *big techs*. Nesse cenário, o objetivo deste trabalho é analisar algumas contribuições desses conceitos recorrentes, visando fomentar uma discussão sobre a formação midiática e digital de professores/as diante das lógicas contemporâneas. Consideramos, portanto, essencial a compreensão das implicações subjacentes aos conceitos mencionados, se queremos realizar um movimento em direção à transformação dos currículos de formação docente que vá além de uma pedagogia preocupada só com os usos tecnicistas dos aparatos tecnológicos dentro ou fora de sala de aula. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica (Marconi; Lakatos, 2017), tendo em vista as limitações impostas por este resumo, que parte das novas resoluções normativas de formação de professores/as e busca examinar o tema proposto a partir da literatura sobre o assunto.

FORMAÇÃO MIDIÁTICA E DIGITAL

Segundo Crary (2023), a alfabetização digital, redigida entre aspas por ele — “alfabetização digital” —, é “[...] um eufemismo para comprar, jogar on-line, maratonar séries e se engajar em outros comportamentos monetizados e viciantes” (p. 37). A afirmação do autor provoca e incomoda. Provoca e incomoda por colocar na mesma face da moeda o problema e uma das possíveis soluções para ele. A alfabetização digital, de acordo com as vertentes alinhadas ao entendimento de alfabetização postulado por Freire (2011, 2015), propõe-se à ruptura de um modelo no qual os sujeitos são formados para serem bons consumidores, hábeis com as tecnologias, com pleno domínio de aplicativos e recursos de compras online ou digitalmente mediadas.

Crary (2023) parece enquadrar como alfabetização digital o que Morozov (2018) chama de “empoderamento do usuário”. De acordo com o segundo, o Vale do Silício criou uma narrativa de que a diminuição das desigualdades viria a partir da oferta de serviços básicos na internet de maneira gratuita, ou seja, diminuição da desigualdade pelo consumo — “[...] ainda que sejamos forçados a vender nossos carros e deixar de pagar nossas hipotecas, jamais perderemos nosso acesso ao Spotify e ao Google. Ainda é possível morrer por falta de comida, mas não por falta de conteúdo” (p. 49). Tal narrativa, tida por ele como conto de fadas, evoca o “usuário empoderado”, aquele que domina as ferramentas necessárias para usufruir da internet.

O que está colocado como pano de fundo dessa narrativa, e de outras similares, é que a internet possui um impacto “civilizatório”, o qual abolirá as desvantagens ligadas a limitações tecnológicas do Sul global, por exemplo (Crary, 2023). Ou seja, a alfabetização digital pode ser adotada e entendida como aquela que está a serviço da civilização dos sujeitos-usuários, vinculada aos interesses das *big techs*.

Em seu *Manifesto pela Educação Midiática*, Buckingham (2023), que usa o termo alfabetização midiática — e não digital —, defende que ela não deve ser restrita a saber usar dispositivos técnicos ou acessar a mídia. Vai além, pois envolve a compreensão de como a mídia funciona, como comunica, como representa o mundo, e como é produzida e usada. Entender a mídia hoje exige o reconhecimento da complexidade de formas modernas de “capitalismo digital” (Buckingham, 2023, p.14). Para o autor, se queremos que os sujeitos sejam alfabetizados midiaticamente, é necessário investir em educação midiática, para crianças e jovens, como um direito. No dizer do autor, esse entendimento crítico requer “consciência mais ampla de como a mídia se relaciona com acontecimentos sociais, culturais, políticos e históricos mais gerais” (Buckingham, 2023, p.16), ou seja, é necessário não só compreensão dos acontecimentos, mas também implica ação de transformação. Vista desse prisma, educação midiática, para ele, é um pré-requisito para a cidadania contemporânea, por isso um direito essencial. Logo, não consiste em usar dispositivos tecnológicos ou a mídia como só ferramentas ou como contribuição no processo educativo, nem como meio de alertar os jovens sobre os malefícios das redes ou desenvolver habilidades para que possam se expressar nelas.

Em síntese, Buckingham (2023) assevera que para desenvolver um pensamento crítico em relação à mídia, precisamos de uma educação midiática ao longo da escolaridade básica que discuta o trabalho de representação (Hall, 1997) que a mídia faz, pois ela “representa o mundo de modos específicos e faz toda uma gama de alegações sobre ele” (Buckingham, 2023, p.64). Assim, o autor sugere quatro conceitos críticos usados no Reino Unido desde a década de 70 para incluir em um currículo que traga uma proposta de educação midiática: linguagem midiática, representação, produção e público. Embora esses conceitos tenham sido desenvolvidos com foco na mídia analógica, segundo o autor, podem ser também pertinentes para estudar a mídia social/digital. Ele pontua ainda que é necessário considerar o que ensinar (o currículo) e como fazê-lo (as estratégias pedagógicas) e recomenda uma proposta “alinhada à noção de alfabetização”

que envolve análise textual (ler)⁹, produção textual (escrever) e análise contextual (as condições de produção).

O que Buckingham (2023) propõe para a educação midiática parece alinhar-se à Pedagogia dos Multiletramentos¹⁰ (Cope; Kalantzis, 2015, 2012; Cadzen *et al.*, 2021), conforme foi proposta pelo Grupo de Nova Londres, em 1996, em seu manifesto, que visava envolver dois aspectos fundamentais: a diversidade cultural e linguística e as multiplicidades de canais de comunicação e linguagem. Embora, naquele momento, ainda não pudessemos prever todos os avanços tecnológicos dos quais dispomos hoje, já estávamos imersos em uma cultura midiática e havia uma preocupação dos pesquisadores em como crianças e jovens lidariam com o mundo em mudanças nas esferas profissional, pública e privada. O essencial dessa pedagogia, segundo os propositores, é que ela estimule o estudante à autonomia e à ação, ou seja, mais envolvimento dele em seu próprio aprendizado. Abrange, por exemplo, ser capaz de compreender o trabalho das representações (Hall, 1997) em nosso contexto mediado, refletir sobre regras impostas, solucionar problemas, usar novas linguagens, entender os diferentes contextos e a multiplicidade de culturas, aprender a colaborar e compartilhar, dentre outros aspectos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o exposto, diante das lógicas contemporâneas, será que, considerando o contexto de formação docente brasileiro, o que os documentos normativos definem como “utilizar as tecnologias de forma pedagogicamente adequada às transformações do mundo contemporâneo”, desenvolver “competências digitais docentes” ou ampliar “a formação cultural dos professores e licenciandos” vai ao encontro de uma alfabetização ou educação midiática, no dizer de Buckingham (2023) ou da Pedagogia dos Multiletramentos (Cope; Kalantzis, 2015, 2012; Cadzen *et al.*, 2021)?

Fazemos esse questionamento por considerar que esses conceitos sintetizam o que Freire (2015, 2011) postulou como educação libertadora com vistas à formação de um

⁹ O autor considera análise textual de uma perspectiva multimodal - seja um site, um post, um filme, etc.

¹⁰ Importante ressaltar que, segundo Ana Elisa Ribeiro (2021), em sua apresentação na tradução do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos, esse estudo teve muita influência tanto nos estudos sobre letramentos e multiletramentos no Brasil, como também na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ainda que isso não tenha sido declarado no documento normativo.

homem-sujeito e não de um homem-objeto. Para o autor, ensinar exige criticidade, conscientização, respeito (e estímulo) à autonomia, pesquisa, diálogo, compreensão do contexto e ação, reconhecimento da identidade cultural, colaboração. Para nós, uma formação midiática e digital docente efetiva no contexto nacional só será possível com base nas premissas freirianas.

REFERÊNCIAS

BUCKINGHAM, David. **Manifesto pela educação midiática**. São Paulo: Edições Sesc, 2023. Edição do Kindle.

CITELLI, Adilson. **Inter-relações comunicação e educação no contexto do ensino básico**. São Paulo: ECA-USP, 2020. Disponível em: <https://mecom.eca.usp.br/2021.html>. Acesso em 18 de jun. 2024.

CITELLI, Adilson. **Ensino remoto emergencial e transições associadas**. São Paulo: ECA-USP, 2023. Disponível em: <https://mecom.eca.usp.br/2023.html>. Acesso em 24 jun 2024.

CRARY, Jonathan. **Terra arrasada. Além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

COPE, Bill; KALANTIZ, Mary. (org.). **A Pedagogy of Multiliteracies: Learning by Design**. New York: palgrave Macmilian UK, 2015.p1-36. E-book.

CAZDEN, Courtney *et al.* **Uma pedagogia dos multiletramentos**. Desenhando futuros sociais. RIBEIRO, Ana Elisa; CORRÊA, Hércules Tolêdo (ORG.); Trad. Adriana Alves Pinto et al.). Belo Horizonte: LED, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. Edição do Kindle.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011. Edição do Kindle

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL, Stuart. (org.) **Representation: cultural representation and signifying practices**. London: Sage Publications, 1997.p.13-74.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed.São Paulo: Atlas, 2017.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech. A ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.